

Brasília, sábado, 8 de outubro de 2005 • CORREIO BRAZILIENSE

Editor: Pedro Paulo Rezende • pensar@correioweb.com.br  
Tel. 3214-1183 • Fax 3214-1194

Imagem manipulada por computador / Arte: Fernando Lopes / Fotos: Marcelo Ferreira/CB/25.5.05 e Zuleika de Souza/CB/30.3.03

COM A MORTE DO HISTORIADOR  
PAULO BERTRAN, A TERRA E O POVO  
DO PLANALTO CENTRAL PERDEM UM  
FIEL E APAIXONADO GUARDIÃO  
PÁGINAS 3 A 5

# AI DE TI, CERRADO



CRÍTICA // VISÕES INUSITADAS SOBRE POETAS QUE MARCARAM A HUMANIDADE. PÁGINAS 8 E 9



PENSAR

Zuleika de Souza/CB/30.3.03



# A HISTÓRIA DA RIQUEZA DE UM HOMEM

**AUTOR DA MAIS COMPLETA OBRA SOBRE A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO ONDE SE ESTABELECEU O ESTADO DE GOIÁS E O DISTRITO FEDERAL, PAULO BERTRAN DEIXA OITO LIVROS RESULTANTES DE UMA LONGA, MINUCIOSA E APAIXONADA PESQUISA HISTÓRICA**

CONCEIÇÃO FREITAS  
DA EQUIPE DO CORREIO

**A**lguém disse, durante o velório na última segunda-feira na Cidade de Goiás, que a obra de Paulo Bertran ainda haverá de ser devidamente reconhecida no Planalto Central e no país. O anapolino nascido a 21 de outubro de 1948, neto de árabe, goiano, suíço e uruguaia, pegou a história da terra e do homem do Planalto Central pelo começo e veio perscrutando acontecimentos, entremecendo circunstâncias, datando modificações geográficas para construir a mais completa obra sobre a formação do território que hoje se chama Goiás e, dentro dele, Brasília.

Publicou oito livros, quatro deles imprescindíveis em qualquer bibliografia sobre o Planalto Central. Era pesquisador de sujar as botas, vagar pelas entranhas da terra altiplana, sorver dos encantos do cerrado, de se encantar pela população ancestral que até hoje vive

nos escondidos da zona rural. Quando se punha a falar de seus saberes, com sua voz rouca e mansa, Paulo Bertran deixava antever tão-somente uma fimbria da enormidade de conhecimentos sobre o sertão goiano e suas histórias seculares.

Escreveu sobre a história econômica do Centro-Oeste, a história da terra e do homem do Planalto Central, recuperou a história de Niquelândia, sobre a passagem da Coluna Prestes pelo centro geográfico do país, deu um tom literário à história da Cidade de Goiás ("A cidade de Goiás, à vista da genealogia histórica das antigas capitais brasileiras, é o mais perfeito exemplar hoje existente de uma linhagem, de uma morfologia urbana e cultura que vem escapando às classificações: cidade antiga dos sertões do Cerrado. Simples, heterogênea, intimista, despojada. Mimética, como a savana envolvente e as 1001 janelas diferentes, através das quais nos olha").

Sua vocação para fuçar a mais antiga antiguidade o levou a criar, no Setor de Mansões do Lago Norte, o Me-

morial das Idades do Brasil, museu a céu aberto, que registra a história da formação do Planalto Central, a geológica, a da formação do Cerrado e a da chegada do homem a este chão altiplano. Bertran fez poesia colorida com a terra do paredão de 150 metros de comprimento, que restou da escavação para a retirada de areia durante a construção de Brasília. A feitura geológica aparece, escreveu Bertran no site [www.paulobertran.com.br](http://www.paulobertran.com.br), no "grande conjunto de rochas de cores que variam de um rosa claro até tonalidades mais enegrecidas que foram formadas há um bilhão de anos e que constituíram o fundo de um extenso mar interno no então chamado continente de Pangéia". Para contar a história da chegada do homem ao Brasil, Bertran reproduziu em grande escala pinturas rupestres encontradas em 25 estados brasileiros datadas de até 10 mil anos atrás. O resultado é um paredão lúdico que seduz as crianças com pinturas de um tempo ancestral.





PENSAR

# A CIDADE PERDIDA DOS PIRINEUS

Ainda era pouco. Paulo Bertran tirou do vale do esquecimento a história da cidade perdida dos Pirineus. Primeiro, encontrou no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, um manuscrito datado de 1871, anunciando a descoberta de "uma cidade perdida" na cordilheira dos Pirineus da Pro-

víncia de Goiás. O documento é assinado pelo médico e naturalista francês François Henry Trigant des Genettes. "Já beirava os 70 anos o nosso doutor quando chegou a Pirenópolis, disposto a fundar uma escola para jovens, que manteve por três anos", escreveu Bertran.

No tal manuscrito, Genettes informa ter descoberto "nos Montes Pirínicos a Cidade Perdida dos Atlantes, cobrindo uma grande extensão de terreno, com muralhas para fortificações, largas ruas e praças, ao longo dos quais observou ruínas "muito erodidas" de estátuas, de templos gigantescos, teatros, palácios, residências, túmulos..." Paulo Bertran reconhece que o exagero do médico francês devia-se ao fato de, à época, não haver instrumentos que permitissem diferenciar "ruínas arqueológicas de fenômenos naturais".

Há três anos, Bertran visitou a cidade perdida dos Pirineus, guiado por fotografias aéreas dos sobrevivos cartográficos de 1964. Encontrou formações areníticas piramidais de tamanho estupendo (estimáveis 150 metros de altura). Registrou o pesquisador: "... existe anexo ao território das pirâmides um dos mais profundos abismos que já me foi dado observar, talvez repositório de uma fauna e flora especiais, com possíveis cavernas atingindo os aquífero da região. Um enigma a desvendar". E conclui: "Qualquer país do planeta se orgulharia daquele cenário e faria todo o possível para preservá-lo, entre seus ícones paisagísticos".

Qualquer país do planeta se orgulharia da obra de Paulo Bertran, e faria todo o possível para preservá-la, entre seus ícones da pesquisa histórica.

Ricardo B. Labarner/CB/14.3.01



BERTRAN NO MEMORIAL DAS IDADES DO BRASIL QUE CRIOU NO SETOR DE MANSÕES DO LAGO NORTE: PAREDÃO LÚDICO COM REPRODUÇÃO DE PINTURAS RUPESTRES

## PARA LER BERTRAN

### CIDADE DE GOIÁS, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, ORIGENS (COM RUI FAQUINI, EDIÇÃO MOVIMENTO PRÓ CIDADE DE GOIÁS E INSTITUTO RIZZO, 2001)

O livro, de história e arte, crônica histórica e fotografia, nasceu da luta dos goianos para que a Cidade de Goiás conquistasse o título de Patrimônio da Humanidade.



Conquistado o título, o livro virou símbolo da vitória. Edição de luxo, com fotos magníficas de Rui Faquini e poemas de Cora Coralina, a começar por: *É preciso rever, escrever // e assinar // os autos do passado // antes que o tempo passe tudo // a raso. Se é rico em fotos, o é denso,*

em registro histórico. Começa pela origem do Cerrado, passa pela história das populações indígenas, as bandeiras, envereda pela conquista do Planalto Central e chega à majestosa Serra Dourada ("Vista do alto — escreve Bertran —, das cartas aéreas centimilésimas, a Serra Dourada, matriz ambiental dos Cerrados da Cidade de Goiás, assemelha-se às asas de um grande pássaro, fletindo um salto em V, da envergadura de 180 graus, sobre o extenso e tortuoso vale do Rio Vermelho"). Então derrama-se pela história de Vila Boa,

### HISTÓRIA DA TERRA E DO HOMEM DO PLANALTO CENTRAL (SOLO EDITORES, 1994)

Como escreve o professor Victor Leonardi, da Universidade de Brasília, num dos três prefácios do livro: "Na minha opinião, este é o melhor livro já escrito sobre

o processo de ocupação das terras do Planalto Central e, quiçá, sobre a colonização sesmarial no Século XVIII". Ou, como registra o escritor José Dilermando Meireles, num dos prefácios do livro: "Cuida-se, efetivamente, de um tratado, em 18 capítulos, no qual o autor empreende completo estudo da terra, do homem e da conquista da extensa região interiorana da Pátria, escolhida para



sediar a nova Capital da República". Ou, ainda, o imortal Bernardo Éis, o mais importante escritor goiano de todos os tempos, depois de contar de suas dificuldades para ambientar seus romances, por falta de registro histórico suficiente: "Quem me dera pudesse ter contado com as obras de Paulo Bertran, quando elaborei o meu *Chegou o Governador*."



## PENSAR

## 43 MIL ANOS DE OCUPAÇÃO

"O Centro-Oeste brasileiro é ocupado pelo homem há pelo menos 43.000 anos, idade obtida na última pesquisa (1986) do IGPA — Instituto Goiano de Pré-história e Arqueologia da Universidade Católica de Goiás, mediante teste de radiatividade de cinzas.

Supõe-se que os grupos dominantes fossem do grupo lingüístico Gê, existindo, porém, Carajás no Vale do Araguaia (Carajás) e Bororós no Mato Grosso.

Vivendo em economia natural e em pequenas coletividades, os indígenas do Centro-Oeste observavam sistema de produção seminômades, baseados alternativamente na caça, na pesca e na agricultura, em territórios reservados aos diferentes grupos.

Assim, o Mato Grosso do Sul e o Vale do Paraguai eram habitados pelos Guaiacurús e Paiaguás; os Parecis e Coxiponés ocupavam o centro de Mato Grosso, enquanto Caiapós, Xavantes, Carajás, Xerentes e Apinagés ocupavam as regiões do Araguaia-Tocantins.

A ocupação branca do Centro-Oeste e consequente redução do indígena é um processo que já dura cerca de quatro séculos e ainda não pode considerar-se estabelecido, haja vista os constantes conflitos de terra entre indígenas e posseiros na região, mesmo nos tempos atuais.

As primeiras tentativas de penetração branca, na Região Centro-Oeste, datam do século XVI pelos espanhóis e mais tarde pelos portugueses, com o objetivo de escravização dos indígenas e apropriação do território.

## RUAS DECENTES E INDECENTES

"Em que, costumando os Pretos Crioulos desta Vila festejar ao Glorioso São Benedito com sua festa e Procissão solene, tirando as Provisões de licença do costume, como o fizeram nesta, e consta do documento nº 4, na qual facultou o Vigário da Vara licença a aqueles irmãos para a Procissão passar pelas ruas públicas principais e decentes, e as que eram de costume, o que se declarou no mesmo despacho do dito Vigário da vara, a quem como ordinário privativamente toca desta determinação. Sem embargo desta expressa determinação fundada em direito Canônico, razão e Constituições do Bispado, querendo os ditos Irmãos, por motivos de particulares vontades, que a Procissão fosse por becos e outras ruas indecentes, lhes resisti em cumprimento do despacho e Provisão e em zelo da devida Reverência ao Diviníssimo Sacramento que na Procissão ia.

Por esta resistência entraram a maquiñar orgulhosos e perturbações os ditos Irmãos Crioulos, confiados na proteção do Governador, porque tendo sucedido no ano antecedente iguais desordens e desobediências, não foram castigados como mereciam; antes teriam aprovação dos seus desobedientes procedimentos e confiados nesta e bem certos da dita proteção, se atreveram ao depois que saiu a Procissão da Igreja do Rosário a conduzi-la até o largo, onde está a Igreja Matriz e a casa de Residência do Governador, levando eu e o Santíssimo Sacramento como Pároco da Freguesia: e vendo que dali encaminhavam o Pároco a uma rua que não era do costume nem concedida na Provisão, mandei por um dos sobrelpezes do Corpo do Clero dizer que voltassem por outra via pública, real e de costume, para as quais só tinham licença e com palavras injuriosas enviaram o dito mensageiro: eu, por usar de toda a modéstia, que pedia o grande ato, enviei outra vez um Irmão de Opa da Irmandade do mesmo Santíssimo Sacramento, que julguei de necessária capacidade, a dizer que se continuassem na desobediência e contumácia, recolhida o Santíssimo Sacramento na Igreja Matriz, em cujo largo se achava."

(Trecho de uma queixa do vigário de Vila Boa de Goiás contra o governador Luís da Cunha Menezes, em Notícia Geral da Capitania de Goiás, Tomo 2)

## VAZANDO ÁGUAS TORTUOSAS

"O governador ia da Contagem de São João com destino a Luziânia, o que na época levava no mínimo dois dias de marcha a cavalo. Trinta e três quilômetros além da Contagem pousou em alguma parte do ribeirão Gama, que é muito extenso, despejando-se desde o chapadão do Gama até verter no Lago Sul, além da Península dos Ministros, passando antes pelo Aeroporto Internacional de Brasília.

Não sabemos as voltas desse caminho em busca de "vaus" para o contorno de ribeirões e pântanos, mas fato é que de Contagem ao ribeirão do Gama temos uma linha reta quase no rumo verdadeiro Norte-Sul, embaixo da qual espalha-se o Plano Piloto de Brasília.

Nesse trajeto havia dois ou três ribeirões de maior porte a atravessar: o Torto, rio geologicamente novo, que justamente por vaziar águas de suas tortuosidades, costumava formar uns pântanos pouco transitáveis, e o ribeiro de Vicente Pires, nome de um cidadão que ali instalou-se em data ignorada e que já havia falecido à época do registro paroquial (1857), e cujo ribeiro tem suas origens no chapadão de Taguatinga. O Vicente Pires tinha extensas matas de galeria, conforme mostra-nos o Relatório Belcher em 1954, indicando terras ribeirinhas de alguma fertilidade. A área mais florestada porém à época, era de um córrego — de que hoje só se conhecem escassos vestígios — que vertia das alturas da 403/404 Norte, buscando os fundos do Campus da UnB, internando o melhor de sua mataria (cerca de 50 hectares) sob as águas do Lago Norte, na altura do Grupamento de Fuzileiros Navais. Hoje nada subsiste dessa mata e o córrego que arrossava foi escondido em manilhas de que se vêem os bueiros (...)"

(História da Terra e do Homem do Planalto Central)

## GOIÁS, CIDADE PORTUGUESA

"A Vila Boa do século 18 — ensinava Bernardo Ellis — era uma cidadezinha portuguesa talvez um pouco mais rústica que as de além-mar, porém muito maior que as aldeotas minhotas e ao tamanho quase das capitais provinciais do reino. Gilberto Ferrez, vendo as gravuras de Burchell, considera Vila Boa equivalente à Vila de S. Paulo, já então trezenã. Um certo exagero, mas era um bom povoado, na escala urbanística do século 18.

Aliás, uniformemente, seguindo os estratos de tamanho, a cidade colonial brasileira, talvez a latino-americana, é maior, é melhor e é mais opulenta, do que respeita à sua herança física, do que suas congêneres metropolitanas.

Excluindo-se Lisboa — por dívida do que se perdeu com a devastação do terremoto de 1755 —, talvez o Porto, nenhuma cidade portuguesa do reino ombreava com a Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Belém, Ouro Preto e quantas mais se ergueram rapidamente, com os alicerces de ouro do mercantilismo lusitano.

Quem duvida, que vá até Portugal ver de perto as consequências urbanas do gigantesco esvaziamento demográfico e econômico produzido pelo ouro brasileiro no século 18. Talvez uma metade das freguesias e conselhos de Douro e Minho extinguissem-se ao longo desse século. Seus arquivos foram para a Sé de Braga, e é tudo que deles resta.)

(Cidade de Goiás, Patrimônio da Humanidade, origens)

(Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil)



**NOTÍCIA GERAL DA CAPITANIA DE GOIÁS**  
(EDITORA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, SOLO EDITORES, 1997)

Paulo Bertran é, na verdade, o organizador e o editor dessa que é o primeiro grande registro

histórico da região hoje ocupada pelos estados de Goiás, Tocantins, Distrito Federal e pelo Triângulo Mineiro. Foi escrita em 1783 por determinação do então governador de Goiás, Luís da Cunha Menezes. Nos dois séculos seguintes, a obra ficaria soterrada nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, pedaços dela, no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Bertran deu-se à tarefa de tirar a poeira dos papéis, organizá-los, traduzi-los para o português moderno, ilustrá-la e editá-la. Está dividida em dois tomos. O primeiro percorre um período de 60 anos, do início da colonização de Goiás até 1783. O segundo tomo reúne cartas, registros de viagem, descrição de hábitos e costumes do tempo, estatísticas e documentos de cartório.

**UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA ECONÔMICA DO CENTRO-OESTE DO BRASIL**  
(UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, CODEPLAN, 1988)

Palavras do então professor de Economia da Universidade de Brasília Cristovam Buarque, na orelha do livro: "... o primeiro grande mérito deste livro é a sua análise abrangente, no tempo, da formação da economia do Centro-Oeste". O hoje senador pedetista informa que Bertran "descreve com detalhes como evolui a economia local, em seus detalhes, reagindo a impulsos externos". O autor explica o caráter "apenas introdutório" do estudo: "São tantos os particularismos, tantas as conjunções microrregionais, que pensar numa história econômica do Centro-Oeste de maneira unitária é tarefa impraticável nesta altura das coisas". Bertran conclui que o crescimento da região permanece para "além das contradições econômicas naturais do processo de expansão capitalista, como a primeira grande obra de cunho eminentemente nacional elaborada pelas gerações brasileiras dos dois últimos séculos".

**CERRATENSES (VERANO, 1998)**

O livro de poemas de Paulo Bertran junta versos de amor — por uma mulher, pelo cerrado, por amigos, por Goiás, pelo sertão, pela vida sertaneja (leia três poemas selecionados na página 12 dessa edição). Inevitavelmente, o poeta pouca suas letras numa imensa vocação para o amor. (Certas gerações, entremeadas / fizeram-se só pelo amor ao amor. / Outras, nefandas e desnecessárias, / pelo amor da guerra e dos assassinos. // Eu seria, pelo amor à Terra e aos seus Frutos gentis, / um simples hortelão transmontano, / um Zen do Altiplano, / Il Catanda a última excreção da Vaca amiga / para depositá-la, seca e densa, / na derradeira roseira do sertão.) Tudo fundado na ancestralidade do cerrado. Como diz Alarico Verano, na orelha do livro: A poesia de Bertran "avança na direção onde o recuo à origem não cessa de aprofundar-se em busca de restituir o imaginário que é seu e do homo cerratense, iluminando as tantas figuras de uma odisséia, que ascendem à dinastia de um arcaísmo de sertão e cerrado".